

SOBRE O GERÚNDIO E “GERUNDISMO”: UMA ANÁLISE
DE UM ASSUNTO EMOTIVO E POLÊMICO¹

John Robert Schmitz
UNICAMP

“Precisava desenferrujar gerúndios, gerundivos, e sobretudo, meus verbos irregulares”, Issais Pissoti, *Aqueles cães malditos de Arquelau*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

É surpreendente o clima emocional e hostil em torno da presença no português brasileiro falado e escrito de estruturas que contêm *ir+ estar+ V___NDO* como nas frases: “Vou estar transferindo R \$ 3.000,00 de sua conta bancária” e “Ele vai estar dormindo”. O uso do gerúndio nas referidas frases é chamado de “gerundismo”. Os formadores de opinião rotulam tais construções de “terrível praga”, “vício”, “maldito gerúndio”, “modismo”, “gerúndio bastardo”, “gerúndio desproposital”, “patinho feio do estilo”, “samba do gerúndio doido” e “o gerúndio assassino”. Com respeito a este último, cabe a pergunta: o que exatamente o gerúndio estaria assassinando?

O discurso antigerundista² constrói um quadro no qual a própria saúde do idioma nacional é questionada. O emprego das metáforas sugere um idioma “doente” e usuários “infectados”, que lembra uma verdadeira “epidemia”, fora

¹ Quero agradecer a leitura crítica dos seguintes colegas: Gladis Massini-Cagliari, Marli Quadros Leite, Renato Miguel Basso e Sumiko N. Ikeda. As falhas são da minha responsabilidade.

² A polêmica em torno do gerúndio trouxe vários neologismos para o português: gerundismo, gerundizar e antigerundista. É bom lembrar que existe o termo gerundivo que se refere ao “particípio do futuro passivo latino” (Aurélio de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 685. Alguns exemplos em português são: doutorando, graduando, formando. Existem em português os adjetivos “fervente” e “corrente”, antigos particípios latinos, relacionados com o gerúndio V___NDO. O adjetivo “gerundial” está arraigado no idioma. O enunciado “chovendo, não sairei” é, segundo a análise de Bechara (2000: 155) uma oração subordinada adverbial condicional reduzida de *gerúndio* ou reduzida *gerundial*.

de controle que assola a nação e “contamina” o idioma nacional. Essa seria, então, mais uma crise construída para acompanhar as outras crises de ordem política, econômica e social, bem mais sérias que realmente comprometem a “saúde” da nação!

Surge no discurso uma metáfora militar, pois os antigerundistas falam da necessidade de “combater” a estrutura, defender e proteger a língua portuguesa do Brasil da “invasão” do gerúndio infeliz. As armas utilizadas para extirpar a referida forma indesejada são os portais existentes na rede de computadores que têm por nome: “Manifesto antigerundista”, “Ódio ao gerúndio” e “Campanha contra o gerúndio”. Existe também devidamente marcado no calendário – “O dia contra o gerúndio”. Um dos resultados negativos de tais movimentos é que eles tendem a semear certa insegurança lingüística entre os falantes de português.³

Um grande desserviço ao público é a regra gramatical sugerida pelo “Manifesto Antigerundista” que adverte categoricamente: “O gerúndio NUNCA vem depois de um verbo no infinitivo.” Basta observar que alguns exemplos perfeitamente de acordo com a norma da língua portuguesa desmentem a regra proposta: “Enquanto você arruma a cozinha, vou estar passando o aspirador.”/ “Enquanto você resolve seus assuntos, eu vou ficar esperando aqui”.⁴ O gerúndio *passando* vem depois do verbo auxiliar (*estar*) no infinitivo.

Com o objetivo de apresentar alguns argumentos com a finalidade de proporcionar uma outra reflexão a respeito do gerúndio em português, divido o trabalho em oito partes. Na primeira, argumento que o gerúndio é parte integral do sistema verbal da língua portuguesa. Na segunda parte, refiro-me ao gerundismo e pergunto se o fenômeno é lingüístico ou extralingüístico. Na terceira parte do artigo, pergunto se a construção V + *estar* + V ____ NDO é um fenômeno novo. Na quarta parte, comento as noções de duração e pontualidade (finalidade) com respeito ao gerúndio. Na quinta parte do trabalho comento as considerações de Possenti (2005) e Ribeiro (2000) sobre o gerúndio. Na

³ Certa insegurança se observa também no texto do articulista, ensaísta e autor de telenovelas, Walcy Carrasco. Cf. Walcy Carrasco, “Certo ou errado”, *Veja*, São Paulo, 16 de fevereiro de 2005. Carrasco escreve nestes termos: “A Língua Portuguesa está mudando. Se é um processo bom ou ruim, tenho minhas dúvidas” (p. 138).

⁴ É plenamente possível em português empregar o presente do indicativo: “Enquanto você arruma a cozinha, vou passar o aspirador”/ “Enquanto você resolve seus assuntos, vou esperar/ vou ficar aqui”. O problema é que alguns gramáticos dizem que a forma com o gerúndio é prolixa e, portanto, desnecessária. Eles recomendam o uso da forma “simples” argumentando que é mais “enxuta”.

sexta seção, especulo se o uso gerúndio deve ser considerado um erro e pergunto o que é um erro realmente. Na sétima, teço comentários sobre a crença por parte de muitos usuários de que a ocorrência do gerúndio se deve à influência da língua inglesa em contato com o português. Na última parte do trabalho, apresento algumas conclusões que decorrem da análise.

1. O gerúndio é parte integral do sistema gramatical do português: “o gênio da nossa língua” (Bechara, 2000:232).

Os gramáticos tradicionais preferem em geral prestigiar, nas suas descrições tradicionais, bastante detalhadas, os tempos simples e os compostos, todos acompanhados de diferentes quadros com as respectivas conjugações nos modos indicativo, subjuntivo e imperativo Cunha (1970:182-187). Muito menos atenção, todavia, é dada à ocorrência dos verbos auxiliares *estar*, *ir*, *vir* e *andar*. O gramático mostra exemplos desses auxiliares, que precedem verbos principais em –NDO, mas limita sua apresentação à ocorrência dos mesmos no presente do indicativo e no pretérito imperfeito, sem informar a possibilidade de ocorrência em outros tempos. Alguns exemplos retirados de Cunha (1970:182-183):

“Venho tratando desse assunto.”

“Estou estudando.”

“O navio ia encostando no cais (pouco a pouco).”

“Vinha rompendo a madrugada”

“Andava procurando um livro”

Cunha explica, com toda propriedade, que as estruturas com os referidos auxiliares seguidos de verbos principais em –NDO indicam “ação durativa”, “ação que se desenvolve gradualmente” e “ação que se realiza progressivamente”.⁵

Quem apresenta uma descrição bem mais completa do gerúndio e o fenômeno da perífrase verbal é Mattoso Câmara (1972:146-147) que observa que em português o auxiliar ocorre numa variedade de tempos e modos:

⁵ Cunha (1970:183) observa que “na língua moderna de Portugal predomina a construção de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*+ preposição *a* + infinitivo). A afirmação está correta, mas pode levar usuários incautos a pensar que o gerúndio com V+ *estar*+ ___NDO não ocorre no português de Portugal. Não é verdade. Seria interessante examinar porque Saramago usa, em certos momentos, *estar*+ *a* e em outros, construções “plenas” com V+ *estar*+ ___NDO. “Sara ouve o que lhe está dizendo a doutora Maria Sara”, José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 167.

“Estou espalhando”, “Estava espalhando”, “Estive espalhando”, “Estivera espalhando”, “Estarei espalhando”, “Estaria espalhando”, “esteja espalhando”, “estivesse espalhando”, “estiver espalhando”, “estando espalhado”,⁶ “estar espalhando”.

Castilho (1961;113) resume sucintamente o papel o quadro de aspecto verbal em língua portuguesa nestes termos:

... observemos ainda que no setor das perífrases a noção que apresenta maior riqueza de possibilidades de expressão é a de duração, e que de todas a mais versátil é a perífrase com estar (a) + infinitivo/gerúndio/particípio passado, indicando ação ineptiva cursiva propriamente dita e cursiva progressiva, resultativa e cessativa.

A reflexão acima apresentada mostra que o português é rico em gerúndios.⁷

Nem sempre os dados de Mattoso são aproveitados pelos gramáticos. Um resultado sério dessa omissão é o fato de que alguns falantes de português acreditam que o sistema verbal do português se restringe aos tempos presente (louvo), pretérito imperfeito (louvava), pretérito perfeito (louvei) e limitadamente no futuro simples (louvarei).

Com base nos trabalhos de Coseriu⁸ e de Jakobson, Bechara (2000:212 se refere a “certas espécies de ação e arrola diferentes visões ou fases” de verbos em português:

(i) “o verbo ir+ gerúndio: venho fazendo é uma ação progressiva e apresenta uma visão retrospectiva.”

(ii) “o verbo continuar+ gerúndio: continuo (sigo) fazendo combina a visão retrospectiva e a prospectiva.”

Bechara observa com muita lucidez a própria especificidade da língua, o que diz por meio da expressão “o gênio de nossa língua” ao escrever:

⁶ Entre os exemplos arrolados por Mattoso Câmara, “Estando espalhado” é verdade que o verbo principal não está no gerúndio. Mesmo assim, o gerúndio em si em português é muito produtivo em comparação com o francês, holandês ou alemão. Devo a observação a Renato Miguel Basso.

⁷ Existem gerúndios perifrásticos no português contemporâneo como: *Maria está/esteve/estará/estaria trabalhando* e o não perifrástico que têm a forma composta: *Não tendo conseguido dormir, fui esquentar um chá na cozinha e dei de cara com a Rosa e a Idalina.* (Otto Lara Resende) e a forma simples: “Cai a chuva estrepitando.” (F. Varela). Para mais dados, ver Celso Cunha, *Gramática Moderna*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alves, 1970, pgs. 182-183.

⁸ Um dos livros citados por Bechara de autoria de Coseriu é *El Sistema Verbal Románico*. México: Siglo Veiteuno, 1996.

Está mais de acordo com o gênio da língua portuguesa (ênfase minha) o uso do gerúndio com auxiliar *estar* ou infinitivo com *a* para traduzir atos que se realizam paulatinamente, em vez do uso de forma simples do verbo, como faz o francês (*Jeanne nous regarde / Joana está-nos olhando* ou *a nos olhar* (p. 232)).

Cabe observar que o gerúndio é de longa data usado no português e muito freqüente nas *Cantigas de Santa Maria* de Alfonso X (Mettmann: 1986). Um exemplo:

“Chorando de coração
foi-sse correndo
a casa, e viu enton
estar fazendo
os bischocos e obrar
na touca a perfia,
e começou a chorar
con mui grand’ alegria.”
(Cantigas de Santa Maria, 18)

(a) O gerúndio em português e em outras línguas.

O português se diferencia de outros idiomas do mundo devido à falta de gerúndios perifrásticos como em línguas tais como o alemão, o holandês, o francês e o russo.⁹

Os referidos idiomas, em vez de utilizar verbos auxiliares e um afixo nos moldes de –NDO ao verbo principal, recorrem ao presente do indicativo e dependem muito mais da presença de adjuntos adverbiais de tempo (neste momento) e advérbios (agora, freqüentemente) do que o português para expressar duração e continuidade.

O sistema verbal do português apresenta várias formas de expressar futuridade: (i) encaminharei o relatório amanhã”, (ii) “vou encaminhar o relatório amanhã”, (iii) estarei encaminhando o relatório amanhã”, (iv) vou estar encaminhando o relatório amanhã”. Cabe observar que em outros idiomas – o francês e o alemão são bons exemplos – não existe uma construção perifrástica *estar+ndo* que tem a finalidade de exprimir continuidade ou “progressividade”.

⁹ O francês tem o “gerondif”: *Ils vont chantant e En attendant le plaisir de vous rencontrer...*, mas não uma forma perifrástica como *être (estar)+ gerúndio*.

O francês tem equivalentes para as sentenças (i) e (ii) acima, mas não para (iii) e (iv). O italiano, por sua vez, apresenta “traduções” para (i) e (ii) respectivamente “*invierò la relazione domani*” e “*invio la relazione domani*”; no sistema verbal italiano não existem equivalentes para (iii) e (iv).

À guisa de exemplo, o falante do português pode dizer “*Maria canta*” e também “*Maria está cantando*”. Existe em francês uma única possibilidade “*Marie chante*”, oração essa que comunica o que Marie sabe fazer e também o que ela está fazendo num determinado momento da fala. Para transmitir continuidade, a língua francesa depende exclusivamente de advérbios ou expressões adverbiais: “*maintenant*”, “*dans ce moment*” ou “*être en train de+infinitivo*”. Obviamente, uma oração isolada (fora de contexto) é ambígua.

Quanto ao português brasileiro, cabe observar que o próprio verbo *estar* (com ou sem *ser+NDO*) precede adjetivos dinâmicos tais como: “Ele está (sendo) curioso, barulhento, intransigente, exibido, oferecido, fingido” Esses mesmos adjetivos também seguem o verbo de ligação *ser*: “Ele é curioso, barulhento, intransigente, exibido, oferecido, fingido etc.” Daí se pode concluir que o português de acordo com a figura abaixo possui um quadro verbal “diferenciado” em contraste com o inglês ou com o francês.

	está	sendo	
Mário	está		curioso.
	é		

Mario is (being) curious.

Mario est curieux.

Ao comparar os três idiomas, usei o adjetivo “diferenciado” para caracterizar o português com respeito a *estar* (sendo) e *ser*. O português brasileiro, neste caso, é diferente. Afirmar que ele é “mais expressivo” ou “rico” do que o inglês e o francês é um argumento tão subjetivo como alegar que a construção (*ir*)+*estar*+V____NDO não seja plenamente vernácula.” A língua portuguesa se distingue dos outros idiomas do mundo e eis aqui a sua originalidade, pois ela é um dos poucos idiomas do mundo que admite o uso do gerúndio como imperativo.¹⁰

¹⁰ O português é diferente de outras línguas do mundo em utilizar o gerúndio em enunciados como: *Só rindo, Só vendo, só perguntando, Foi sem querer, querendo*.

Cunha (1970: 282) observa que no português popular “... o gerúndio substitui por vezes a forma imperativa”. Eis alguns exemplos retirados do livro de Cunha:

“Andando! = vá andando! Ande!”

Apresento dos meus registos outras estruturas em –NDO que funcionam como ordens ou mandatos:

Gente, vão se acomodando!

Tudo mundo votando!

Vai entrando, Zeca!

Vá falando, rapaz!

Pode ir esquecendo! Não haverá aumento!

“Vai saindo, vai saindo, ordenei fazendo com que voltasse pelo mesmo caminho.”

Lygia Fagundes Telles, “Suicídio na Granja”, *Invenção e Memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 18.

Os idiomas sem formas perifrásticas semelhantes ao auxiliar + V____NDO (frequente em português) não atestam construções desse tipo na voz passiva:

“Ele (= projeto de lei do deputado Aldo Rebelo) teria que estar sendo mais discutido.” [Luis Fernando Veríssimo, Agência O Globo, Gazeta do Povo (Curitiba), 25 de janeiro de 2001.

“Toda vez que eu ligo a TV ou ele está sendo preso ou está sendo solto!” (José Simão, Folha de S. Paulo, 20 de abril de 2004, p. E 7)

“Os carnês estão sendo enviados.”

“Os impostos estão sendo cobrados.”

Do mesmo modo, idiomas desprovidos de formas perifrásticas com verbo auxiliar seguido de participio não apresentam a referida forma no modo subjuntivo (quando esses idiomas tiverem subjuntivo): “Duvido que ele esteja dizendo a verdade o tempo todo neste inquérito.”, “Duvido que ele vá estar dizendo a verdade no decorrer do inquérito.”

(b) Uma hipótese a respeito do gerúndio e o sistema verbal do português:

A respeito do gerúndio no sistema verbal, apresento a seguinte hipótese. Se o quadro verbal do português brasileiro não tivesse a variedade de formas perifrásticas (com a presença do gerúndio) que tem, os usuários não teriam

condições de chegar a produzir construções tais como *ir + estar + V__ndo*, *dever + estar + V__ndo* e *poder + estar + V__ndo*. Observem-se as diferentes perífrases existentes no idioma que possibilitam o desenvolvimento de ainda outras perífrases no sistema.

- está
anda
vive
Ele fica pesquisando a vida dos dinossauros.
vai
vem
segue
continua
vai
deve
pode
espera
tem vontade de estar pesquisando a vida dos dinossauros.
Ele admite
pretende
reconhece
pensa
planeja
julga

2. O gerundismo: um problema lingüístico ou extralingüístico?

Cabe observar que o próprio termo “gerundismo” não está registrado no momento presente no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) ou o *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa* (1999). Sem dúvida, a referida palavra virá a ser dicionarizado no futuro próximo. Como seria definida pelos lexicógrafos? Afianço que possíveis acepções seriam: (i) “o uso exagerado de gerúndios” ou (ii) “o emprego do gerúndio em orações iniciadas com o verbo *ir* seguido do auxiliar *estar + V__NDO* como em *vou estar enviando, vou estar transferindo, vou estar entrando*”.¹¹

¹¹ Enunciados como “Ele deve estar chegando na parte da tarde” ou “Boa coisa não há de estar fazendo” (Cf. *A Cilada* de autoria de Otto Lara Resende, (In: Ênio Silveira, org. *Os Sete Pecados Capitais*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964) nem sempre são alvos de crítica, vistos como “pragas” ou “vícios” como no caso de enunciados que começam com o verbo *ir + estar + V__NDO*).

Não me parecem procedentes as definições propostas. Em primeiro lugar, a noção de exagero na linguagem é um assunto pessoal e depende do estilo oral (e escrito) dos usuários. Exagerar ou não é um direito e da responsabilidade do usuário. Alguns falantes “exageram” no uso de gíria, outros no emprego de palavrões e ainda outros no “excesso” de marcadores conversacionais como “tá?”, “né?”, “viu?”, “sabe?” e “entende?”. Ainda outros exageram no uso de vocábulos de origem estrangeira que têm equivalentes em português. Os que condenam o uso de estruturas V+ *estar* + V__NDO recorrem igualmente ao exagero como uma estratégia para censurar o emprego da referida construção. Eis um exemplo de texto confeccionado para ridicularizar o uso excessivo do gerúndio.

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando, estar imprimindo e estar fazendo diversas cópias, para estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível que parece estar se disseminando na comunicação moderna, o gerundismo. (Manifesto antigerundista).

Para combater o exagero cometido por parte de um número reduzido de falantes, os “adversários” montam propositalmente textos artificiais que não ocorrem naturalmente na linguagem, com a finalidade de persuadir os usuários a evitar a referida estrutura. A mesma estratégia tem sido usada também para ridicularizar o uso de gíria, o emprego de estrangeirismos e, até, o dialeto caipira, é triste dizer.

Nem mesmo os indivíduos que trabalham no telemarketing, que recebem críticas por “abusar” do gerúndio, usam tantas formas no gerúndio nas suas interações com o público. É fácil para autores construir textos para desqualificar uma determinada prática linguística, mas eles não apresentam um argumento realmente acadêmico para rejeitar determinadas ocorrências do gerúndio.

É verdade que alguns falantes podem chegar a empregar frequentemente a forma em tela nas suas interações. Os que trabalham na área de *telemarketing* têm sido alvo de crítica, pois alguns receptores das mensagens telefônicas interpretam estruturas como *vou estar transferindo*, *vamos estar enviando* como falta de boa vontade, insinceridade ou mera protelação. Uma falante confessa a sua impaciência com *estar transferindo*: “Confesso que de saco cheio de ouvir “vou estar passando sua ligação para o outro setor.” Mas, a mesma falante defende o uso de “vou estar enviando o meu trabalho na próxima semana” por uma determinada usuária porque “... é possível que ela não

saiba exatamente quando, no decorrer da próxima semana, que ela vai poder enviar.”¹² O referido enunciado não ocorreu num ambiente de *telemarketing* mas num ambiente universitário. Daí se vê que “*vou estar+V_____NDO*” pode ser recebido diferentemente por dois ou mais usuários. Generalizar com base em uma opinião é sempre perigoso. A linguagem é plural e não é propriedade de um indivíduo só.

Vou estar pode ser recebido por parte de um determinado ouvinte como exemplo de má-vontade em realizar a ação logo. A causa da irritação pode ser muito mais a própria situação em que a linguagem é usada. Teclar no telefone número 1 para “alhos” e 2 para “bugalhos” e assim número 8 !! para finalmente ouvir uma gravação que diz: “Obrigado, você vai estar recebendo um telefonema de um de nossos representantes”, contribuiria, sem dúvida, para a perda de paciência por parte de uma pessoa até bem equilibrada. O problema é nem sempre lingüístico. Em uma situação em que o lapso de tempo necessário para que uma ação de *enviar* ou *transferir* algo, um documento por fax, por exemplo, depende da própria eficiência do serviço prestado: as linhas telefônicas são lentas? A rede vive fora do ar ou está lenta? É provável que alguns usuários que trabalhem diretamente com a Internet e aparelhos de fax estejam acostumados às demoras nas tentativas de “enviar” e “transferir” devido ao tamanho dos arquivos, mas outros ficam irritados e impacientes com a demora.. Os que dependem de serviços de entrega em domicílio estão cientes da morosidade do tráfego nas ruas e avenidas congestionadas: o enviar e o transmitir se tornam (para eles) ações de duração e não atividades pontuais. Ainda, outras situações: o funcionário ou a funcionária está dando conta do grande número de chamadas? A fila não anda? Os funcionários estão revoltados devido a problemas trabalhistas ou de ordem pessoal? A língua e a linguagem são fenômenos sociais e os acontecimentos no dia-a-dia dos seres humanos afetam a linguagem que eles utilizam. Cabe lembrar que mesmo sem usar nenhum gerúndio, um(a) telefonista pode ocasionar irritação quando deixar um indivíduo esperando muito tempo para ser atendido. O problema pode ficar em certas instâncias fora da própria linguagem, pois filas intermináveis em repartições ou em bancos também irritam mesmo quando não ocorrerem gerúndios na interação entre indivíduos.

É importante também não adotar uma postura preconceituosa contra grupos de pessoas que trabalham no campo de *telemarketing* que atribuam à

¹² Os meus agradecimentos a todos os colegas e também aos informantes “leigos” que debateram comigo a respeito do gerúndio. Não menciono nomes específicos, pois a consulta por minha parte foi realizada informalmente por correio eletrônico. Julgo que não seria ético indicar nomes, pois muitos dos consultados disseram que gostariam de refletir mais sobre o assunto.

estrutura perifrástica *ir + estar + V___NDO* uma forma de mostrar interesse e preocupação para com o público.¹³

3. V+ estar+V___NDO: um fenômeno novo?

Certos falantes acreditam que a estrutura em tela é de origem recente.¹⁴ Alguns gramáticos e alguns jornalistas tentam legitimar essa visão. Uma consulta a fontes escritas, mesmo parciais, desmente a crença. Os exemplos retirados do romance *Os Ratos* de Dyonélio Machado, publicado pela primeira vez em 1935 e republicado em 2004 mostra que a referida estrutura não é recente:

- (i) “Agora mesmo, toda essa manhã perdida em busca de uma e outra pessoa, quando podia estar agenciando, cavando... (p. 44)
- (ii) “O datilógrafo há de estar lendo o livro metido na gaveta” (p. 46)
- (iii) “Todo o bangalô parece estar vibrando – enorme caixa de música.” (p. 58)

A estrutura também pode ser encontrada em autores mais recentes. Na coletânea de contos *Invenção e Memória* de autoria de Lygia Fagundes Telles há as seguintes ocorrências:

¹³ Numa das páginas na Internet que ataca o uso do gerúndio, os autores do *site* consideram o grupo de indivíduos que trabalham no campo de *telemarketing* como sendo um “gueto”. Lamentável é o uso da referida palavras que lembra a exclusão social de milhares de judeus na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial.

Considerando que um bom número de pessoas que trabalham na área de *telemarketing* são mulheres, pergunto se não poderia haver certa dose de discriminação contra elas. Recentemente, na programação de uma novela televisa, uma alta executiva de uma empresa humilhou uma secretária por ela ter usado *ir+estar+V___NDO*. Mais um exemplo do uso da língua (e a linguagem) como instrumento de poder e autoridade. Existe uma dose de “terrorismo” em certas atitudes sobre a linguagem,

¹⁴ Infelizmente, afirmei em trabalho anterior (Schmitz, 2004) que a construção *ir* (poder, dever, ficar) é recente no idioma. Com base nos exemplos encontrados nas obras de D. Machado, Telles e Resende, retiro a afirmação. Os enunciados retirados de D. Machado mostram que a construção em tela data de 1935, mais de 70 anos atrás. Cabe observar que não encontrei enunciados com *ir+estar+V___NDO* nos referidos textos. É possível que essa forma seja realmente mais recente e restrita a textos orais informais. Seria interessante saber exatamente quando ingressaram no idioma pela primeira vez construções como *poder+estar+V___NDO*, *dever+estar+V___NDO*, e *haver de+estar+V___NDO*. Não encontrei exemplos de *ir* (*poder, dever, haver de+ V___NDO*) no corpus das obras de Maria Helena de Moura Neves, *Gramáticos de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000 e também de Odette Gonçalves Luiza Altmann de Souza Campos. *O Gerúndio em Português*. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

- (iv) “Quis dizer-lhe como esse encontro me deixou desanuviado, mas ele devia estar sabendo, eu não precisava mais falar” (p. 93) Lygia Fagundes Telles, *Invenção e Memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

No conto “A Cilada” de autoria de Otto Lara Resende (In: Ênio Silveira, org. *Os Sete Pecados Capitais*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964) há dois exemplos:

- (v) “Boa coisa não há de estar fazendo”, (p. 71)
 (vi) “O negro deve estar dormindo”, (p. 77)

Observa-se que todos os enunciados respectivamente retirados dos textos de Machado, Telles e Resende têm o auxiliar *estar* posicionado entre o verbo inicial (à esquerda) *poder* (i), *haver de* (ii), (v), *parecer* (iii) , *dever* (iv), (vi) e (à direita) os respectivos verbos principais em –NDO: *agenciando*, *cavando* (i), *lendo* (ii), *vibrando* (iii), *sabendo* (iv), *fazendo* (v) e *dormindo* (vi).

Possenti (2005: 21), em vez de considerar orações “vou estar morando em S. Paulo” exemplos de gerundismo, prefere rotular as mesmas como casos de “estarismo”. Exemplos retirados dos três autores acima citados (i) a (vi) também seriam exemplos. O sistema verbal do português é muito rico e bastante complexo. No corpus consultado há exemplos de outros auxiliares que ocorrem entre o verbo inicial e o verbo principal com o sufixo em –NDO:

- (vii) “Pode ir tirando o cavalo da chuva”. (p. 53), “A Cilada”, Otto Lara Resende. (In: Ênio Silveira, org. *Os Sete Pecados Capitais*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964)
 (viii) “Enfim, até quando eu teria que ficar justificando o que escrevi”, (p.77), Lygia Fagundes Telles. “Que número faz favor?” *Invenção e Memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 73.

Existem também exemplos de “estarismo” fora da área de literatura. Eis alguns exemplos de textos jornalísticos:

“Mas deve estar sendo comemorado pelos responsáveis...” Editorial, *Folha de S. Paulo*, “Objetivo Duvidoso”, 27 de outubro de 2004, p. A2.

“...uma vez a sempre preferível estratégia de auto-regulamento parece estar falhando”, Editorial, *Folha de S. Paulo*, 06 de junho de 2005, p. 2.

“Muitos devem estar pensando que esse é uma questão de Estado e de política pública”, Milú Villela, “O Tsunami Nosso de Cada Dia”, *Folha de S. Paulo*, 03 de fevereiro de 2005, “Tendências e Debates”, p. A 3.

4. Duração (Continuidade), Pontualidade (Finalidade): Incompatibilidade: Próprio dos Verbos ou do Mundo Real?

O problema maior com respeito à análise de *ir+estar +V___NDO* é o fato de que os exemplos apresentados na literatura especializada e também nos textos publicados na imprensa carecerem de contextualização, pois os enunciados não estão inseridos em discursos reais. Com respeito aos enunciados “vou estar enviando”, “vou estar providenciando”, “vou estar enviando” e “vou estar transferindo \$ R 3.000, 00 de sua conta” realmente não existem pistas para um julgamento lingüístico mais cuidadoso por parte de diferentes usuários com vistas à aceitação ou não dos mesmos.

O último exemplo “vou estar transferindo \$ 200,00 ...” não fornece contexto suficiente para processamento por parte de usuários do idioma. Talvez por este motivo, alguns usuários rejeitem o enunciado. Todavia, se o referido enunciado for “melhorado” com a presença de mais informação para possível processamento, parece-me que os mesmos falantes seriam levados a aceitar a nova versão: “vou estar transferindo mensalmente da minha conta quantias de \$ R 3.000.00 para a minha poupança”. Trata-se da transferência de várias parcelas mensalmente ao longo de um espaço tempo prolongado que indica ação durativa que vai além do momento atual. Um dado que me leva a argumentar que o julgamento gramatical de determinados enunciados é bastante complexo advém do fato de que Garcia (2002), mesmo rejeitando “Vou estar transferindo de sua conta \$ R 3.000,00...” está plenamente consciente de que existe outra leitura para o enunciado por ele rejeitado. As palavras do comentarista são reveladoras:

Se você ficar transferindo 3 mil reais da minha conta corrente durante o dia 23. Vai zerar a conta. Só transfira uma vez, não fique transferindo.

Possenti (2005: 11) afirma que o verbo *enviar* não é durativo e portanto incompatível com o verbo auxiliar *estar* que tem sentido durativo. Com base nesta consideração, o autor afirma que o enunciado “vou estar enviando o seu cartão” é “estranho” ao passo que o enunciado “vou estar morando em S. Paulo” está bem formado devido ao fato de *estar* e o verbo principal em -NDO serem durativos. Posso contra-argumentar que a noção de duração não é um traço inerente dos verbos. Somente quando eles são empregados em eventuais tempos verbais seria possível cientificar se um determinado verbo for durativo ou não.

Pormenorizando, o verbo *enviar*, por um lado, aporta o sentido não durativo, pontual, não-contínuo quando utilizado no tempo pretérito perfeito como se observa em: “Enviei o telegrama ontem.” Por outro lado, o mesmo verbo usado no tempo pretérito imperfeito como no exemplo: “Sempre enviávamos ao longo dos anos fotografias dos netos a nossos avós” indica que a ação de enviar acarreta continuidade e atividade habitual ou repetida por um determinado espaço de tempo. O enviar das fotografias tem certa duração.

Do mesmo modo, o sentido de continuidade é também transmitido quando o referido verbo *enviar* ocorrer no tempo presente na forma perifrástica: “Caros avós: estamos enviando, por correio registrado, as fotografias dos netos. Avise-nos quando chegarem”.

Com base nesses dados, afirmo que a presença da noção de duração e de não duração somente pode ser verificada quando os verbos ocorrerem em determinados textos verbais conforme acima apresentados.

A noção de duração é bastante relativa, pois um intervalo de cinco minutos pode ser uma eternidade para alguns; para outros, cinco horas dedicadas à revisão de um artigo pode passar num instante. Para evitar conflitos sobre o que é duração, é preciso fornecer dados lingüísticos suficientes sobre os referidos enunciados para que seja possível aos eventuais usuários refletir sobre o assunto e, assim, possam aceitar ou rejeitar o uso do gerúndio em certos contextos. Quando se contrapõem duas ações simultâneas, os enunciados resultantes tendem a se tornar processáveis para os informantes. Um exemplo deste tipo de enunciado é: “Vou estar providenciando a documentação na repartição lá no vigésimo nono andar enquanto você fica na fila aqui embaixo.” Da mesma forma, quando os enunciados com o gerúndio tiverem informação que permita determinar a existência de um espaço de tempo para a realização da ação, os mesmos se tornam interpretáveis para os usuários consultados: “Ele vai estar resolvendo o problema dele nas próximas semanas” e “Ele vai estar enviando os relatórios logo que tiveram os dados em mãos”.

Há, todavia, certas restrições ligadas mais ao funcionamento do mundo real do que a restrições lingüísticas. Cipro Neto (1998a) tem razão ao questionar a aceitabilidade de *comparecer* no enunciado: “Não pude estar comparecendo”. A atividade de *comparecer* é, de fato, difícil de repetir ou de ser repetido. Os verbos *sumir* e *desaparecer* são outros exemplos. Todavia, o usuário pode pensar nas várias ocasiões em que participa de diversos eventos e considera o verbo *comparecer* um sinônimo de *participar*. Diria que ninguém reclamaria dos enunciados em que *comparecer* e *desaparecer* acarretam a noção de duração ou continuidade. Dois exemplos: “Os artistas estão comparecendo

regularmente às festas de aniversário e de casamento sem mencionar as frequentes baladas que têm por aí.”; “Os sabiás já estão desaparecendo das nossas florestas”.

5. Umhas reflexões interessantes sobre o gerundismo: falta de comprometimento? Atenuação de assertividade? Determinação histórica? Concisão?

a) Escala de comprometimento?

Possenti (2005:21) afirma que entre os enunciados que os falantes de português podem escolher para comunicar as suas intenções existe uma escala de compromissos que vai de um comprometimento máximo até um comprometimento mínimo. Para o autor, “vou estar resolvendo” implica um compromisso mínimo, “vou resolver seu problema” implica um comprometimento relativo, “resolverei seu problema”, “compromisso forte, mas não tanto” e “hei de resolver o seu problema” um compromisso máximo. A tese é interessante mas é difícil afirmar que há graus de compromisso inerentemente alojados nas referidas orações. Um problema com a proposta é que nem todos os falantes usam o futuro “resolverei seu problema”, preferindo “vou resolver o seu problema”. O exemplo de grau máximo de compromisso “Hei de resolver o seu problema” é restrito a usuários mais letrados e nem sempre ocorre na língua falada informal. Ausente da escala de comprometimento de Possenti (2005) é o enunciado “estamos resolvendo o seu problema”. Onde ficaria na referida escala? Os quatro enunciados citados podem ser utilizados por uma miríade de usuários. Quem poderia adivinhar o que todos esses usuários pensam no momento de falar? Quais são as intenções de todos eles? Se um determinado falante optar por dizer, “vou pagar” ou “pagarei”, nada garante que o indivíduo cumpra com a palavra. Daí se vê que mesmo não fazendo uso do gerúndio, o falante pode falhar e não pagar. Não se pode afirmar que quem diz “vou estar resolvendo”, é necessariamente um caso de compromisso mínimo. Pode ser que o falante precise de certo tempo para cumprir. Não se sabem as verdadeiras intenções de todos os falantes que poderiam lançar mão da referida frase. Existe, em muitos casos, uma grande diferença entre o que é dito por um determinado usuário e o que ele faz na realidade. Com respeito aos indivíduos que dizem “hei de resolver o seu problema”, o exemplo mais alto de comprometimento na escala proposta por Possenti, realmente não temos nenhuma garantia a respei-

to da sinceridade dos eventuais enunciadore. Um determinado falante pode escolher, em diferentes instâncias, os quatro enunciados da escala na suas interações com quatro diferentes ouvintes e mentir para todos sem ter nenhuma intenção de resolver nada. Para Searle e Vanderveker (1998:22-23), todos os atos de fala que envolvem "... uma mentira ou uma promessa insincera" são atos ilocucionários defeituosos.

A tese de que o uso do gerúndio "vou estar resolvendo" espelha uma falta de compromisso reinante na sociedade brasileira é questionável quando se levar em consideração que outros idiomas também têm um sistema de aspectos verbais repleto de gerúndios (como o inglês e o espanhol, por exemplo), mas ninguém concluiria que nas várias sociedades onde o inglês e o espanhol são respectivamente falados que, existe uma "crise" de comprometimento. Pode existir, sim, falta de comprometimento e de ética nas diferentes sociedades, mas a "culpa" desse estado de coisas não é do gerúndio.

b) Atenuação de assertividade?

Alguns usuários consideram que a presença do verbo "estar" em *vou estar recebendo* torna o enunciado prolixo e o certo seria "vou receber". Além disso, o verbo "estar", de acordo com este ponto de vista, contribui para desfingurar a assertividade do mesmo. Mas, tanto "vou estar recebendo" como "vou receber" são asserções; é impossível afirmar qual enunciado teria um grau maior de assertividade. No meu entender, toda oração realmente assevera: "Prometo cuidar de você", "Vou cuidar de você", "Vou estar cuidando de você" e "cuidarei de você". Um usuário consultado opina nestes termos: "Eu, pessoalmente, não acho uma construção errada no português do Brasil. Penso ainda que é uma construção que carrega um certo valor de atenuação, isto é, parece-me que os falantes preferem essa construção como uma forma de polidez. Dizer "vou estar enviando" parece ser mais "polido" do que "enviarei" que soa mais direto. Isso são elucubrações, mas me parece que isso acontece." Não há nada inerente no enunciado "vou estar atendendo" em contraste com "vou atender" que determine que o primeiro é mais polido do que o segundo. Cada usuário recebe o idioma de forma diferente; alguns atribuem um grau de polidez a uma oração e outros usuários não.

Há, todavia, outras opiniões. Costa (2005) afirma que o gerúndio "... simula a formalidade e evita compromissos com a palavra e joga luz sobre o artificialismo nas relações sociais. O jornalista é categórico ao dizer que a referida construção é um vício. Seria um vício, pergunto, se uma pessoa empregar

um único gerúndio (do tipo que mais inquieta os críticos, *ir+estar+V___NDO*) numa palestra de duas horas de duração? As relações sociais podem, na verdade, ser artificiais, pois a naturalidade ou a artificialidade no relacionamento humano nada tem a ver com a sintaxe ou a semântica de um determinado idioma. A artificialidade nas relações humanas pode ocorrer em qualquer grupo, comunidade, sociedade ou país.

c) Determinação histórica

Fora da área dos estudos da linguagem e especificamente na de história existe outra análise do gerúndio que julgo pertinente para comentário nesta reflexão. O filósofo Renato Janine Ribeiro (2000) apresenta uma tese engenhosa a respeito do surgimento do que ele chama o “gerúndio despropositado”. Ele argumenta que os brasileiros nunca ajustaram “... contas com o escravidão, com a colônia, com a iniquidade” (p. 97) e descartam “o passado inteiro”. Segundo o filósofo, o brasileiro vive a ilusão de eterno recomeço. Por este motivo, eles precisam “... do presente contínuo a torto e a direito: porque faltam passado e futuro” (p. 98). Afirmar que o sistema verbal do português brasileiro espelha os diferentes acontecimentos históricos e que o uso lingüístico dos falantes reflete o passado histórico é uma postura determinista sem apoio na disciplina de lingüística. Como disse acima, o inglês e também o espanhol têm nos respectivos sistemas verbais uma pletora de construções perifrásticas com o gerúndio, mas as suas respectivas histórias são completamente diferentes. Os acontecimentos políticos-históricos-sociais de determinados países nada têm a ver com a presença ou ausência de fenômenos lingüísticos como a voz passiva, presença ou ausência do subjuntivo ou dois verbos de ligação: *ser* e *estar*.

d) Concisão

Não somente a construção com gerúndio *ir+estar+ V___NDO* “Amanhã, vou estar conversando com ele” mas também a construção “Amanhã, estarei conversando com ele” são considerados “pouco econômicas à expressão do sentido pretendido” por parte de Camargo (2000). A autora recomenda “Amanhã conversarei (vou conversar) com ele”. Qual será o “sentido pretendido” a que se refere a autora? O perigo com a recomendação é que eventuais vestibulandos podem inferir que o futuro perifrástico “Estarei conversando” não é exemplo de português correto. Pior ainda é condenar “conversarei” na crença de que o futuro não é usado em português do Brasil como afirma Cipro

Neto (1998b): “Não temos o hábito de dizer “faremos”, dizemos mesmo “Vamos fazer”. Uma usuária questionada a respeito do gerúndio reclama nestes termos: “Ficamos cansados de ouvir tantas construções com o gerúndio que, em verdade, pouco acrescentam àquilo que efetivamente as pessoas querem dizer”. Os comentários por parte da usuária mostram certa irritação com o exagero e a repetição. Mas, em se tratando de tantos falantes e tantos intercâmbios entre diversas pessoas, pergunto se em todas as instâncias pensadas pela usuária ocorreram malentendidos como se fosse caso de duas línguas estrangeiras diferentes.

O desejo de buscar concisão pode, em certos casos, ter resultados trágicos. Por exemplo, num folheto de orientação de trânsito, a Secretaria de Transportes da Cidade de São Paulo informa: “Cuidado: mesmo que os automóveis estejam parados, os ônibus, motos e táxis podem estar andando na faixa exclusiva. Se o “estar andando” for substituído por “podem andar”, o significado seria outro e diferente da intenção da Secretaria de Transportes.¹⁵

6. O uso do gerúndio é um erro?

As línguas mudam ao longo do tempo e cada geração deixa a sua marca mesmo pequena no idioma. O português escrito e falado da época de José de Alencar ou Aluísio de Azevedo é diferente da língua produzida pelos usuários hoje em dia. Estigmatizar determinadas construções e expressões não presta um bom serviço ao idioma. Não incluiria (ir)+estar+ V____NDO entre várias “impropriedades” cometidas por alguns usuários tais como (i) grafar “tampouco” quando a intenção é dizer “tão pouco”, (ii) escrever “a par” quando o contexto pede outra forma como no caso: “As ações do Petrobrás estão ao par” (e não “a par”), (iii) escrever “ir de encontro a” quando a situação pede “ir ao encontro de”. Essas produções de fato são problemáticas, pois desviam a atenção do ouvinte/ leitor e dificultam a comunicação. O que falta na análise gramatical, a meu ver, é uma discussão sobre a gravidade dos erros. Seria importante pensar numa hierarquia de “erros” começando com os que interferem na compreensão e indo até as “infrações” que não dificultam a recepção da mensagem, mas esse assunto seria tema para outro trabalho. Devido à polêmi-

¹⁵ Os que argumentam que o gerúndio é prolixo nem sempre sabem que, em certos casos, o presente indicativo e a forma perifrástica *estar+NDO* funcionam como variantes estilísticos, pois os usuários de português podem escolher: “Envio neste momento um e-mail com dois anexos”/ “Estou enviando neste momento um e-mail com dois anexos”.

ca com respeito ao gerúndio, muitos indivíduos se confundem. Existe perigo de corrigir uma construção onde não há nenhum problema. O cronista Millôr Fernandes (2006) ironiza a corrente dos antigerundistas com seu característico bom humor: “Devem continuar procurando (a procurar corrijo), aceitando o atual lingüisticamente correto, que odeia o gerúndio”.

Dizer categoricamente que a forma *ir+ estar+ V__NDO* é um erro reflete uma postura simplista com respeito ao idioma, pois critérios diferentes são arrolados e misturados para identificar o que supostamente está errado. Para Sanhotene (2006) a frase “Vou estar transmitindo sua queixa ao gerente” deve ser substituída por “Vou transmitir sua queixa ao gerente” devido ao fato de que a primeira expressa “possível submissão, respeito à hierarquia” ao passo que segunda é por ele considerada “forma aceitável, mesmo quando o interlocutor não tem poder de decisão.” Estar em posição de superioridade numa hierarquia decisória nada tem a ver com a escolha de “vou estar transmitindo” ou “vou transmitir”. É também subjetivo considerar uma forma ou outra mais polida. Para medir o grau de polidez, é preciso conhecer o contexto inteiro, identificar o papel dos interlocutores e o tom de voz de cada um dos participantes.

Um “erro” como no caso da forma verbal “se eu depor” em vez do certo “se eu depuser” (Cipro Neto, 2000) é um caso muito diferente do que ocorre com o gerúndio “*ir+estar+V__NDO*”. O primeiro exemplo no uso do verbo *depor* indica falta de leitura e estudo. O segundo exemplo reflete o pleno funcionamento do idioma. Um problema com respeito a noção de erro é a existência de uma postura de discriminação contra indivíduos que não tiveram a oportunidade de estudar. Humilhar pessoas e considerá-las “ignorantes” por não conhecerem determinadas formas de português pode esconder outros preconceitos de ordem de classe social, raça e etnia. No entanto, cumpre perguntar onde pára o preconceito lingüístico com respeito a indivíduos que nunca tiveram ensino formal e começa uma verdadeira impaciência com um certo descaço com o idioma. Não se trata de preconceito lingüístico¹⁶ por parte de Lima Barreto autor da crônica “Quase Doutor” (1915), ao relatar o caso de um estudante, que mesmo em vias de concluir os seus estudos, continua falando uma variedade de português popular. Barreto comenta: “Caí das nuvens. Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos!” (p. 141).

¹⁶ Um estudo pormenorizado, muito sério e comovente sobre o preconceito lingüístico é o livro de autoria de Maria Marta Pereira Schere, *Doa-se lindos filhotes de poodle*. São Paulo, Parábola, 2005.

7. O gerúndio: influência do inglês?

Alguns críticos alegam que a referida construção verbal seria resultado do contato ou da interferência com a língua inglesa por parte dos falantes brasileiros. Não estou convencido de que orações como “Vamos estar aplicando ainda outra vacina amanhã” [atribuída ao Sr. José Serra, Ex-Ministro da Saúde], “Vou estar pensando o tempo todo na minha namorada durante a minha viagem à França”, “O plantonista vai estar atendendo amanhã na parte da tarde” e “Você vai estar chegando de viagem quando a gente começa a abrir inscrições” sejam frutos da interferência por parte de aprendizes brasileiros de língua inglesa. Acredito que nem todos os falantes que produziram essas orações falam a referida língua. É bem provável também que alguns desses falantes nunca tenham estudado a língua inglesa. É mero acidente ou coincidência que o inglês e o português recorram à mesma construção: *V+estar+V_____NDO/ V+be+V_____ING*. É verdade que o português compartilha com o inglês, em certos casos, orações como “Vou estar enviando um fax esta manhã/ Estarei enviando um fax esta manhã” e “I am going to be sending you a fax this morning/ I will be sending you a fax this morning”. A existência das referidas construções respectivamente nas duas línguas se deve a um desenvolvimento diacrônico independente.

Quem conhece a literatura especializada sobre a aquisição de inglês por parte de brasileiros sabe que os desvios ou “erros” realmente produzidos pelos aprendizes são outros. A direção da interferência não é do inglês para português, mas do próprio português para o inglês. Os que lidam com o ensino de inglês a brasileiros sabem que o aprendiz brasileiro precisa ser alertado que o uso de *estar+V_____ndo* é, em certos casos, mais “livre” do que em inglês. Em português, “Maria está sabendo as respostas” e “Mário está gostando das aulas de morfologia” são bem formadas, ao passo que as orações equivalentes em inglês nem sempre satisfazem: **“Mary is knowing the answers”* e **“Mario is liking morphology”*, pois, para certos falantes de inglês, a presença de locuções adverbiais de frequência e de tempo contribui para a plena gramaticalidade: *“Mary is knowing more and more the answers to the questions as the semester goes by”* e *“Mario is liking morphology more and more every day thanks to his inspired teacher”*. Existe a possibilidade de o aluno brasileiro generalizar demais ao tentar se expressar em inglês e o resultado seriam enunciados nem sempre muito felizes: **“I am not liking this food”* e **“It is wanting to rain”*.

Há também casos em que o português emprega um gerúndio e o inglês não. Os equivalentes de “Não estou entendendo, delegado”, “Não estou vendo

a sua bengala” e “Ficarão sabendo em julho” em inglês são respectivamente: “I don’t understand, inspector”, “I don’t see your cane” e “You will find out in July”.¹⁷

8. Concluindo

a) Neste trabalho tentei mostrar que o português é uma das línguas do mundo que apresenta uma variedade de construções perifrásticas com a presença do verbo auxiliar *estar* (e vários outros): “Ele está, vem, vai, anda, vive estudando”. Bechara (2001:219-220) resume com propriedade a complexidade do sistema verbal do português: “É o que ocorre com *estive fazendo*, que expressa, além do nível do tempo e da perspectiva primária, também a visão. *Tenho estado fazendo* expressa nível temporal, perspectiva primária, perspectiva secundária e visão. Já *tenho estado vindo fazendo, tinha-se estado pondo a fazer* embora teoricamente possíveis, não são correntes.”

b) Comentei no decorrer do artigo que os próprios usuários do idioma empregam a referida construção perifrástica com criatividade nos textos escritos e também orais. Alguns exemplos:

“Deu o que deu. Ou está dando no que está dando”, Eliane Cantanhêde, “Dor no coração”, *Folha de S. Paulo*, 29 de fevereiro de 2004, p. A2.

“Falando de futebol estava, falando de futebol continuava”, Eliane Cantanhêde, “Hermanos”, *Folha de S. Paulo*. 05 de maio de 2005, p. A 2.

c) Argumentei nesta apresentação que dada a produtividade da construção *estar+ V___NDO*, é possível os usuários expressarem sutis diferenças de tempo e de aspecto. Por exemplo, a construção com *estar+V___NDO* pode se referir à ação costumeira: “Ele sempre está andando na praia” ou no momento exato de falar: “Ele está andando na praia neste instante”, ou a ação que acontece no futuro: “Ele está viajando para França no próximo sábado” .

d) Com base nesses comentários e, em particular, levando a proposta de Castilho (1967) que “a perífrase com *estar* é a mais versátil”, argumento que

¹⁷ A polêmica sobre o gerúndio infelizmente traz críticas à figura do tradutor. Alguns anti-gerundistas culpam ao tradutor brasileiro de língua inglesa pela presença do gerúndio em português. É injusto generalizar e afirmar que todos os tradutores são incompetentes e que não respeitam a sua própria língua. Existe muita seriedade e profissionalismo por parte dos tradutores e intérpretes brasileiros.

as construções com gerúndio precedido de *ir + estar* são reflexão de um desenvolvimento natural no idioma. Se a língua portuguesa não possuísse o gerúndio perifrástico, em primeiro lugar, os falantes não poderiam, em segundo lugar, chegar a produzir a gama de construções que ocorrem no idioma e bastante arraigados de longa data no português (cf., D. Machado, 1935 (2005)). Na realidade a presença de gerúndio perifrástica serve como “ponte” para a ocorrência de novas formas (*ir+estar+V___NDO*) e novos usos no sistema de aspecto verbal da língua. Não deve ser uma surpresa atestar as referidas formas em português devido à presença das formas perifrásticas numa variedade de tempos. Comentei no item (c) desta oitava parte que o gerúndio incorpora, em certos casos, o papel de futuro: cf. “Ele está viajando para França no próximo sábado”. O português se destaca de outros idiomas do mundo, como argumentei acima (seção 1 (a), em apresentar várias formas de expressar o futuro: (i) “encaminhei o relatório amanhã”, (iii) “vou encaminhar o relatório amanhã”, (iii) “estarei encaminhando o relatório amanhã”. Baseando-me nas observações de Castilho (1967) a respeito da versatilidade da perífrase com *estar* e também nas de Possenti (2005) a respeito de “estatismo” no português, aventuro-me a propor que as construções em *ir+estar + V___NDO* funcionam, em certos casos, como um (novo) futuro no português do Brasil: (iv) “vou estar encaminhado o relatório amanhã”. Outra evidência que me leva a propor que a construção *ir+ estar+ V___NDO* expressa futuridade é a sua compatibilidade com locuções adverbiais de tempo (voltadas ao futuro). Comparem, por exemplo, os enunciados no tempo presente com os que, de acordo com a minha argumentação, focalizam o futuro

Carlos está morando em São José do Rio Preto desde 1985.

Carlos vai estar morando em São José do Rio Preto nas próximas semanas.

Eles já estão resolvendo aos trancos e barrancos os problemas deles.

Eles vão estar resolvendo os problemas deles ao longo do próximo semestre.

Os enunciados com as construções “estar morando” e “estar morando” onde se têm “estatismo” (Possenti, 2005) e *V___NDO* funcionam como recurso para descrever continuidade no futuro que ainda não foi iniciada.

A “expansão” *ir +V___ NDO* ’*ir+ estar+V___NDO* no português brasileiro contemporâneo também poderia ser considerada uma marca deixada pelos falantes mais novos, pois cada geração contribui para a mudança do idioma.

e) Tentei argumentar que é preciso repensar a noção de erro em português porque as construções com gerúndio são, na verdade, sintática e semanticamente bem formadas. A polêmica em torno do gerúndio e “gerundismo” mostra que faltam entre nós, debates respeitosos e tranquilos entre gramáticos, lingüísticas, professores de português, jornalistas, publicitários e advogados com o público em geral com respeito a uma atualização ou “aggiornamento” da norma padrão. Tal debate é necessário para eliminar a defasagem entre o que é apregoadado com base na “Tradição” e o que é realmente usado no dia-a-dia pelos diferentes usuários do idioma, independentemente de sua classe social e grau de instrução.

f) Argumentei também que a presença do gerúndio em português não é resultado da interferência de aprendizes brasileiros de língua inglesa e a presença de gerúndio na língua portuguesa nada tem a ver com problemas de tradução.¹⁸

Ciente de que o tema escolhido para a minha reflexão é polêmico, agradeço a atenção dos meus leitores e aguardo comentários, sugestões e críticas.

Referências bibliográficas

- BARRETO, Lima. “Quase doutor”, Crônicas Escolhidas. São Paulo, Editora Ática e Folha de S.Paulo, 1985.
- BECHARA, Evanildo. Lições de Português pela Análise Sintática. Rio de Janeiro, Editora Lucena, 16ª Edição, 2000.
- BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 37ª ed., 1999.
- BERGO, Vittorio. *Pequeno Dicionário Brasileiro de Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, S.A.
- BELLARD, Hugo. Guia Prático de Conjugação de Verbos. São Paulo, Cultrix, 11ª ed., 2004.
- CÂMARA, Jr., Mattoso J. Dicionário de Filologia e Gramática: Referente à Língua Portuguesa. 5ª edição. Rio de Janeiro, J. Ozon Editor, 1973.
- CÂMARA, Jr. Mattoso J. The Portuguese Language. Chicago, The University of Chicago Press, 1972.

¹⁸ Cabe observar que em inglês “reading” em “John is reading” (João está lendo) é um “participle” (particípio). Um “gerund” é “reading” em “Reading develops the mind” (A leitura desenvolve a mente).

- CAMARGO, Thaís Nicolette de. “Sobre tempo e aspecto nos verbos”, Fuvest, Resumo/Português, Folha de S. Paulo, 19 de dezembro de 2000.
- CASTILHO, Ataliba, Jr. Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras, Marília, S.P., 1968.
- CIPRO NETO, Pasquale. “Não pude estar comparecendo”, Inculca e Bela, Folha de S. Paulo, 19 de fevereiro de 1998a
- CIPRO NETO, Pasquale. “O Senhor pode estar enviando um fax”, Cult,(11), outubro 1998b.
- CIPRO NETO, Pasquale. “Os ex-jogadores depreciam” Cotidiano. Folha de S.Paulo. 28 de dezembro de 2000.
- COSTA Pereira, Jr. Luiz “O gerúndio é só pretexto”, Língua Portuguesa. Ano 1, No. 1:20-23, 2005.
- CUNHA, Celso. Gramática Moderna. 2ª edição. Belo Horizonte, Editora Bernardo Alves, 1970.
- FERNANDES, Millor. “Esmiuçando”, Veja, edição 1942, ano 39, nº.5, 8 de fevereiro de 2006, p.24.
- GARCIA, Alexandre. “A Língua Volátil”, Classe Revista de Bordo Tam/ Tam Inflight Magazine. Ano/Year XVIII, no 95:20, 2002.
- GOMES, Roberto. “O samba do gerúndio doido” Gazeta do Povo. Caderno G, p.8 (Domingo), 30 de abril de 2006.
- METTMANN, E (org.) Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100) Alfonso X, el Sábio. Madri, Catalia, 1986.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de Usos do Português. São Paulo, Editora Unesp. 2000.
- POSSENTI, Sírio. “Escala de compromissos” In: Luis Costa PEREIRA. “O gerúndio é só pretexto”, Língua Portuguesa, Ano 1, No. 1:20-23, 2005.
- POSSENTI, Sírio. “Defendendo o gerúndio” Discutindo Língua Portuguesa. Ano 1, No. 1: 8-11, 2005.
- RIBEIRO, Renato Janine. A Sociedade Contra: O Alto Custo da Vida Pública no Brasil. São Paulo, Companhia de Letras, 2000.
- SANCHOTENE, Marco. “Estarei falando sem gerundismo”, Gazeta do Povo, Classificados, p. 2, (domingo),02 de abril 2006.
- SCHERE, Maria Marta Pereira. Doa-se lindos filhotes de poodle. São Paulo, Parábola, 2005.
- SCHMITZ, John Robert. “Vamos transferir” ou “Vamos estar transferindo” Eis a questão! www. atrás das letras.com.br (polêmicas), 2004.
- SEARLE, John e VANDERVEKEN, Daniel. Foundations of Illocutionary Logic. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.